

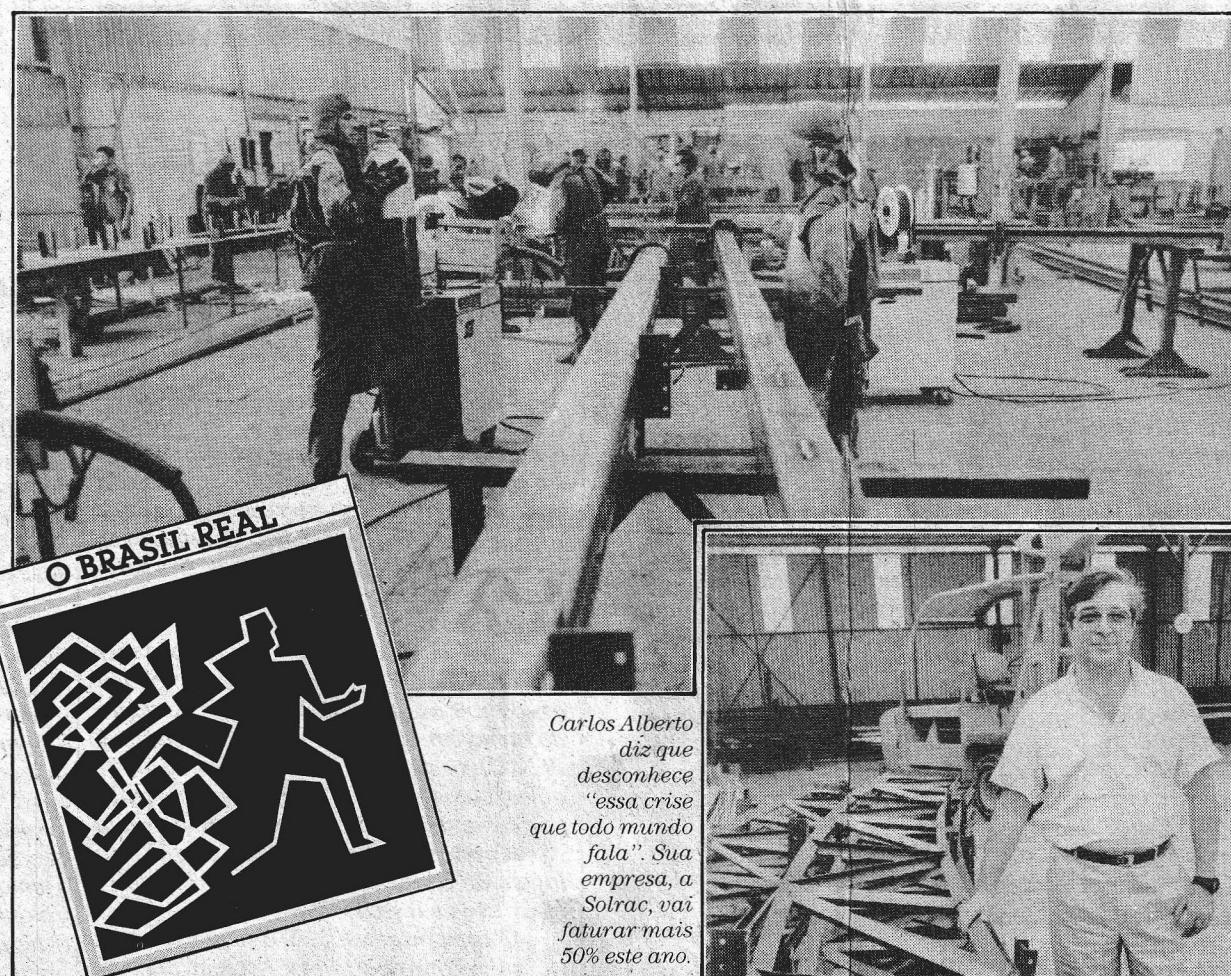
Investir e crescer. Ainda a melhor opção.

Ninguém está mais credenciado para falar em crise econômica do que um pequeno empresário. Principalmente se ele está ligado ao setor de construção. Isto porque pequena empresa, crise e construção realmente não combinam. Mas não é o que acontece com Carlos Alberto Gonçalves, diretor da Super Estruturas Metálicas Solrac, de São Bernardo do Campo, uma empresa que vai elevar em 50% seu faturamento este ano em relação a 1988. "Desconheço essa crise de que todo mundo fala", orgulha-se o empresário, cujo **hobby** é mesmo trabalhar.

Gonçalves lembra que vive do crescimento dos outros. Isto é, enquanto houver gente construindo ele consegue elevar sua receita. Ligado ao segmento de estruturas metálicas, ele depende mesmo é do crescimento industrial brasileiro. A Solrac já existe há dez anos, mas foi de 86 para cá que experimentou uma grande expansão, responsável pela criação de duas outras empresas. Uma ligada à revenda de telhas Brasilit em Santo André, a Supply, e outra à montagem das estruturas, a Dumont. E o empresário explica por que se deu bem do Plano Cruzado para cá: "Nosso mérito foi tentar enxergar o futuro sem nos deixar influenciar por medidas transitórias".

Nesse sentido, Gonçalves caminhou em rumo inverso ao de todos. Foi exatamente em 86 que ele se livrou dos bancos, enquanto todo mundo se animava em fazer empréstimos para depois ter de arcar com pesadíssimos juros. Ele se lembra que chegou a cancelar um contrato com o Banco do Brasil que empresário nenhum dispensaria. "E agora, que todo mundo só pensa em aplicar no mercado financeiro, o que estou fazendo é criar empresas", enfatiza, ao anunciar que em 90 pretende inaugurar sua entrada no ramo da construção civil. "Será um complemento a meus negócios", diz.

Para Gonçalves, este é o mo-



Fotos Clóvis Cunha Sobrinho

Carlos Alberto diz que desconhece "essa crise que todo mundo fala". Sua empresa, a Solrac, vai faturar mais 50% este ano.

mento de investir, principalmente de construir, mesmo porque as obras hoje são comercializadas em dólar, o que garante uma ótima rentabilidade. Ele prefere criar empresas a partir do desmembramento de uma só. "Enquanto somos pequenos, temos mais agilidade e a intenção é mesmo sermos os melhores e não os maiores." Segundo explica, ser o melhor é sempre mais difícil, pois, além do investimento em equipamentos, é preciso investir no homem. Para tanto, adotou uma política de recursos humanos que prevê aumentos reais constantes de salário (no mês passado, a Solrac pagou 15% acima da inflação), ampliação dos benefícios (assistência médica, cesta básica de alimentos e a partir do ano que vem cesta limpeza), e maior comunicação.

Com isto, ele consegue me-

lhorias de produtividade, a ponto de vislumbrar um nível de produção semelhante ao de países desenvolvidos. Segundo prevê, com a chegada de duas máquinas italianas de produção da estrutura metálica no ano que vem (a partir de um investimento de US\$ 870 mil), vai obter a mesma produtividade que os italianos, cujos índices são três vezes superiores aos seus. "Nosso país não pode se dar ao luxo de sucatear empresas", opina. Ressalta que essa vontade de "ir para a frente" propiciou o aumento do quadro de funcionários de 50 em 88 para 200 neste ano.

Formado em projetos e administração de empresas, Gonçalves é partidário do otimismo. "Por natureza, todo empresário tem de ser positivo. Só que muitos se deixam influenciar por problemas

transitórios", afirma.

Esta opinião foi ainda mais reforçada após sua participação no "Brasil-Itália-Espanha", patrocinado pelo Ceag, o Centro Gerencial das Pequenas e Médias Empresas, ligado à Fiesp.

"Nesta viagem levei uma ducha de otimismo dos italianos, para quem o Brasil conseguirá superar seus problemas até o final da próxima década, seja quem for o presidente eleito agora", conta ele, ainda surpreso com as posições que conheceu.

Segundo disse, isto ocorrerá porque 5% da população brasileira passará a se incorporar ao mercado de consumo, através da criação de empregos e melhorias salariais. "Vamos ter uma explosão de consumo, de construções e ampliações, como ocorreu no Plano Cruzado.

Marli Romanini